



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Discurso

Plano Anual e de Orçamento da Região Autónoma dos Açores para 2018 – intervenção final

Senhora Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Assinalamos, este ano, os 100 anos da Revolução Russa. A chamada “Revolução de Outubro”, que ocorreu no mês novembro do nosso calendário. Mas a cronologia da História Mundial assinala, com letras douradas, uma outra e não menos importante revolução, ocorrida também no mês de novembro: a “Revolução Socialista Açoriana de 1996”.

Foi há 21 anos, em novembro de 1996, que se iniciou o período revolucionário em curso. O 1.º Governo Socialista tomou posse no dia 9 de novembro e no dia 20 do mesmo mês - num ambiente eletrizante, que ainda recorro com incontida emoção - o Programa de Governo da nova maioria foi apresentado, neste mesmo púlpito, por um Carlos César em êxtase. Recordo, como se fosse hoje, o gesto enérgico e o indicador dirigido a uma multidão parlamentar que o aplaudia freneticamente, ao melhor estilo da iconografia revolucionária de Lenine. Começava, assim, um novo ciclo na História dos Açores.

No âmbito do debate do Plano e Orçamento para 2018, que estamos agora a finalizar, Carlos César lançou o mote. O que aí vem é, nem mais nem menos, que o início de um novo ciclo, de um ciclo novo, de um novo começo. Arranquem, disse ele com a autoridade que o caracteriza, 21 anos ao calendário da História e reiniciem esta aventura no exato momento em que Deus se apercebeu que Adão trincou a maçã.

Não escondo, caros deputados, a enorme dificuldade que encerra o exercício de analisar estes três factos transcendentais - a Revolução Russa, a Revolução Socialista Açoriana e o Novo Ciclo orçamental - num só discurso.

Tendo em conta as dramáticas circunstâncias discursivas que tenho de enfrentar, socorri-me de uma obra intemporal, que ilustra bem todas e



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

cada uma das temáticas em causa. Trata-se do livro "O triunfo dos Porcos", de George Orwell.

O livro é uma sátira poderosa e intemporal, que retrata a derrota dos idealismos e a transformação gradual dos revolucionários "libertadores" nos novos privilegiados e opressores. A obra, publicada pela primeira vez em 1945, retrata a progressiva transformação do idealismo revolucionário russo, inicialmente igualitário, numa terrível ditadura. Mas serve também para deixar em evidência e fustigar os Mugabe, Eduardo(s) dos Santos e Kadhafi(s) deste mundo e outros sistemas de hegemonia política longa, só aparentemente mais benévolos.

George Orwell conta a História dos animais de uma quinta que se revoltam contra o homem que os tiraniza. Os animais são liderados por dois porcos, Bola de Neve e Napoleão, que os conduzem à vitória revolucionária. Os animais vitoriosos criam, então, um sistema doutrinário, o Animalismo, cujos princípios sintetizam em sete mandamentos.

Os porcos e os cães aprendem sem dificuldade os sete mandamentos, mas os carneiros e outros animais evidenciam mais dificuldades. Para os animais com mais dificuldades de aprendizagem, os ideólogos animalistas elaboraram a seguinte síntese doutrinária: **quatro pernas bom, duas pernas mau!**

Os porcos, líderes da revolta, transformam-se rapidamente na nova elite dirigente. Com o tempo, alguns mandamentos sofrem alterações. Por exemplo, o sétimo passa a estabelecer que todos os animais são iguais, **mas – alteração importante - uns são mais iguais que os outros.**

As reuniões plenárias dos animais da quinta, no início inteiramente livres, passam a deliberar apenas sobre as ideias e projetos dos líderes. Qualquer divergência passou a ser imediatamente abortada pelo rebanho de carneiros que abafava qualquer discordância com balidos repetidos até à exaustão: quatro pernas bom, duas pernas mau! Quatro pernas bom, duas pernas mau! Enfim, uma berraria infernal.

A meio da história, o porco Napoleão afastou o rival Bola de Neve e acumulou todo o poder. Surgiram então novas máximas: "Longa vida ao camarada Napoleão" e "o camarada Napoleão tem sempre razão".

No final, os animais constatarem que permanecem tão explorados como antes e que o domínio dos porcos é em tudo semelhante ao dos homens. Nada os distingue.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Apenas mais uma informação. A história da Revolução Socialista Açoriana de 1996 e a descrição do novo ciclo orçamental – contextualizadas na lógica narrativa do livro de George Orwell – tem dois narradores: eu e o Sr. Deputado André Bradford, a quem agradeço, desde já, o facto de se ter voluntariado para este trabalho.

Senhora Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Nunca existem duas histórias exatamente iguais. Em 1996, o Napoleão da nossa História já tinha afastado (~~desde 1994~~) o seu Bola de Neve (~~Martins-Goulart~~).

A Revolução Socialista de 1996 iniciou-se com um discurso memorável de Napoleão. Ainda recordo a retórica sublime: “Vinte anos em qualquer parte do mundo é demais. Criam-se clientelas e favoritismos. É tempo de mudar [a Quinta] dos Açores”.

De forma enfática, empurrado pela emoção do momento, prosseguiu: “Não quero ver mais ninguém de lágrimas nos olhos a dizer que tiveram de filiar-se [nos laranjas] para ter apoios para a habitação degradada ou para ter emprego na administração pública regional.

Vou acabar, de uma vez por todas, com esta sociedade de favoritismos, em que todos têm de estar de chapéu na mão e a dizer que são do partido do governo para terem aquilo a que têm direito por lei. Vai acabar o tempo em que as pessoas iam aos concursos públicos para arranjar um emprego em que já sabiam antecipadamente quem iria ficar”.

Inebriado pelos aplausos, concluiu: “É mau e acarreta muitos males votar no mesmo partido depois de vinte anos de governo do mesmo. [Os laranjas] já não conseguem esconder tendências que indiciam clientelismo e outras perversidades instaladas que, depois de tanto tempo no poder acabam por ser normais”.

Já na altura, numa crónica datada de 12 de setembro de 1996, o outro narrador desta história, André Bradford, notava que “o [Napoleão] dos últimos meses pouco ou nada tem a ver com o [Napoleão] de toda a vida. Convenientemente polido, empenhado em não deixar transparecer



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

vinte anos de desilusões, rancores e frustrações, o líder [rosa] fez a operação cosmética que o seu rival mais direto precisava. O pior, dizem, será quando o verniz começar a estalar”.

Ainda em setembro de 1996 (5 de setembro), numa outra crónica, o narrador passivo desta história contava que “esta semana sonhei com a noite das eleições regionais de outubro próximo. [...] Eram exatamente oito horas quando um jornalista, com um ar sóbrio, afirmou perentoriamente: Carlos César é o novo Presidente do Governo Regional”. Chama-se a isto ter um sonho mau, isto sou eu que digo. Mas voltemos ao sonho. [...] “Junto ao bar, num guichet improvisado para o efeito, outras duas gentis colaboradoras do partido da rosa recolhiam freneticamente fichas de inscrição. Quando me estava a habituar ao ritmo e ao ruído da sede [rosa], o meu sofá transportou-me novamente para a casa de partida”.

Juro que estou a citar com rigor.

Devido certamente a este tipo de premonições e à ajuda preciosa do dono da quinta de Lisboa, que arranjou uns descontos fabulosos na TAP para o povo da quinta açoriana, a Bastilha laranja caiu e o povo deu quase todo o poder a Napoleão e aos seus lugares-tenentes rosas. Quase todo e não todo o poder, uma vez que apenas a soma dos rosas com os azuis lograva suplantar os laranjas.

Aprovou-se então um Programa de Governo. Entre outras coisas, o Programa consagrava a igualdade entre todos os açorianos. Tal como em anteriores ocasiões, foi preciso simplificar a ideologia para alguns dos cidadãos da quinta dos Açores. **Estabeleceu-se então a seguinte síntese programática: rosa e azul bom, laranja mau!**

A partir daqui, ou seja logo no início da Revolução Socialista de 1996, as coisas começaram a correr mal. Ao contrário do prometido no auge da Revolução, os rosas cederam à tentação do poder e iniciaram práticas em tudo semelhantes às que tinham praticado os odiados laranjas.

Oiçam bem, caros camaradas (é preciso entrar no espírito), o que escreveu o segundo narrador desta história, André Bradford, que, naquela época, estava junto do local: “Como certamente sabe, caro leitor, a grande preocupação do PS/Açores neste momento é o facto da administração regional não estar infestada de verdadeiros socialistas. [...] Então e os rapazes que levaram os últimos vinte anos a colar cartazes e a



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

fazer comícios em tudo o que é freguesia, sem terem qualquer tipo de recompensa, não merecem um *cargozito* [sic], Sr. presidente?"

A partir dessa data, a Revolução morreu. Os rosas adquiriram todos os vícios dos laranjas. No dia 27 de dezembro de 1997, o narrador André Bradford atribuiu o que designou como "Prémios sem nome". Para Napoleão reservou um prémio, com a seguinte designação: **"aprendi num ano o que os outros levaram vinte a perceber"**.

Tinha razão André Bradford. Napoleão aprendeu rapidamente tudo o que não interessava.

Os azuis, necessários num primeiro momento, foram atirados para o lixo da história. A síntese programática sofreu uma pequena amputação cirúrgica e passou a ter a seguinte redação: rosa bom, laranja mau! A seguir entraram na moda – e no modo de sobrevivência daquele pequeno e perigoso mundo autocrático – as frases que consagraram o poder absoluto de Napoleão na Quinta dos Açores: "Longa vida ao camarada Napoleão" e "o camarada Napoleão tem sempre razão".

A partir de 2003 deixa de ser possível continuar a contar com o segundo narrador, André Bradford. Ainda tentei retomar o contacto, mas a resposta foi um esclarecedor "rosa bom, laranja mau! Rosa bom, laranja mau!" E assim sucessivamente.

A partir daqui estou, inteiramente, por minha conta.

Entretanto, na quinta autocrática do partido rosa, Napoleão e o partido rosa continuaram, ao longo dos anos, a acumular todo o poder e a gastar todo o dinheiro, espremendo de forma brutal o povo da quinta.

Na primavera de 2012, Napoleão transferiu-se para a promissora quinta de Lisboa, mantendo, no entanto, a suserania total na quinta açoriana. Nomeou para seu sucessor o jovem Gengiscão, um antigo e espigado presidente da juventude do partido rosa. As chamadas bases do partido rosa foram chamadas a confirmar a nomeação do chefe.

Alguns partidários de Contente ainda esboçaram alguma resistência, mas os carneiros acabaram com qualquer discussão séria com a berraria do costume: "Rosa bom, laranja mau! Rosa bom, laranja mau!" Os outros membros da elite ultimaram o assunto gritando para as massas partidárias da quinta "o camarada Napoleão tem sempre razão". Sem mais discussão, Gengiscão foi então incensado.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Senhora Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Nos últimos cinco anos, Gengiscão prosseguiu e aprofundou, em muitos aspetos, a política autocrática de Napoleão. O seu propósito é conquistar os derradeiros oásis de liberdade que ainda subsistem na Quinta dos Açores e manietar todos os que, no terreno económico, não dependem das benesses do poder do partido rosa.

Os ratos são os últimos grandes sobreviventes da Quinta. Mas até esses já têm um encontro marcado com o último destino. O Secretário da improdução agrícola mandou realizar um estudo em Inglaterra para acabar com estes últimos paladinos da luta pela liberdade.

Os ratos ainda tentaram objetar que os 7 mandamentos lhes garantiam uma certa proeminência na Quinta dos Açores, uma vez que têm comprovadamente quatro patas. Mais uma vez, os carneiros acabaram com qualquer discussão, berrando, repetidamente, "Rosa bom, laranja mau! Rosa bom, laranja mau! Finalmente, os cães gritaram "Gengiscão tem sempre razão, Gengiscão tem sempre razão"! E assim terminou a discussão a respeito da questão de vida ou de morte que os ratos enfrentavam.

Na história original, "O Triunfo dos Porcos", a grande obra do regime era um moinho. Na Quinta dos Açores, o Orçamento do Novo Ciclo prevê a conclusão da Casa da Autonomia. Uma obra destinada a imortalizar o regime e a acolher os sarcófagos da elite da Revolução Socialista Açoriana de 1996. Só por si, esta decisão orçamental define tudo o resto.

Resta-nos esperar a aurora de uma nova revolução. Arrancaremos então todos os bustos e todos os símbolos do regime vencido. Nascerão novos heróis e um mundo radioso de oportunidades surgirá à frente dos que o regime esqueceu e maltratou. Serão impressas resmas de cartões partidários com novas cores e, se ainda for vivo e gozar de saúde, o segundo narrador regressará com a sua pluma poderosa e irrepetível.

Deixem-me que termine este discurso com um sentido,

Até Amanhã, Camaradas



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Horta, Sala das Sessões, 29 de novembro de 2017

O Deputado do PPM,

Paulo Estêvão